Rio Grande do Sul
ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
AHIMTB/RS

INFORMATIVO

O TUIUTI

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

470 anos do 2º Governo Geral do Brasil com Duarte da costa - 460 anos do Armistício de Iperoígue - 400 anos do início da penetração de Bento Parente, Pedro Teixeira e Luis Aranha pelo rio Amazonas e fundação dos fortes de Desterro e Gurupá - 380 anos da criação do Conselho Ultramarino em Portugal - 320 anos do Tratado de Methuen - 270 anos do início da construção do Forte Jesus Maria José de Rio Pardo - 260 anos da elevação do Brasil a Vice-Reino - 220 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva - 200 anos das vitórias nas guerras de independência (BA, MA, PI, PA e Cisplatina) - 180 anos do início das operações de Caxias contra a Revolução Farroupilha - 170 anos do rompimento das relações diplomáticas com a Inglaterra em função da Questão Christie - 120 anos da ocupação do Acre pelo Brasil - 100 anos da Revolução de 1923 no RS - 80 anos da criação da FEB - 50 anos do Acordo de Itaipu com o Paraguai

ANO 2023 **Junho** **N° 429**

A TRADIÇÃO GUERRILHEIRA DO BRASIL EM DEFESA DE SUA UNIDADE, INTEGRIDADE E SOBERANIA NA MEMÓRIA DO Cel BENTO

Cláudio Moreira Bento, Cel Eng EM Veterano, da AHIMTB/Resende

"A guerrilha é a estratégia do fraco contra o forte", segundo definiu o (então) Coronel Golbery do Couto e Silva em seu livro Planejamento Estratégico. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1955.

Os grandes "guerrilheiros":
Pedro Teixeira, Antônio Dias Cardoso, Rafael Pinto Bandeira e Plácido de Castro

Ao longo de seu processo histórico o Brasil, fraco militarmente e distante de Portugal, recorreu à guerra de guerrilha para preservar a sua Integridade e Unidade.

Inicialmente, temos o exemplo do intrépido Capitão Pedro Teixeira, que se estabeleceu no Pará em 1616, no Forte do Castelo, então recentemente construído e ali desenvolveu uma série de guerrilhas fluviais contra ingleses e holandeses que haviam se estabelecido no Baixo Amazonas, com feitorias e fortificações.

Pedro Teixeira, recorrendo à Guerrilha Fluvial, os expulsou e consolidou a Soberania portuguesa sobre a Amazônia Brasileira, conforme abordamos em nosso livro Amazônia Brasileira - Conquista, Consolidação, Manutenção 1616-2003 - História Militar Terrestre da Amazônia. Porto Alegre: AHIMTB, 2003. Obra disponível em Livros no site www.ahimtb.org.br. e no Google.

No Nordeste, a Companhia das Índias Ocidentais, com capitais holandeses, invadiu a Bahia e Pernambuco e o dominou militarmente PE de 1624 a 1654, por cerca de 30 anos, até serem expulsos por uma forte reação guerrilheira luso-brasileira.

Esta tática foi denominada na Europa por militares a serviço das Índias Ocidentais de "Guerra Brasílica". Campanha guerrilheira com as duas vitórias luso brasileiras nas 1ª e 2ª Batalhas dos Guararapes, entre outras, e a vitória final na Campina do Taborda em 1654. Batalhas nas quais, na visão do então deputado federal Gilberto Freyre:

"Escreveu-se a sangue o destino do Brasil de ser um só e não dois ou três hostis entre si".

Assunto que abordamos em nosso livro As Batalhas dos Guararapes - descrição e análise militar. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971, 2v (texto) e (esboços), hoje disponíveis em Livros no site da FAHIMTB já referido, e no Google. Livro reeditado em um só volume em 2004 na comemoração dos 356 anos da 1ª Batalha.

Na 4ª capa da obra está publicado o Decreto assinado pelo Presidente Itamar Franco e pelo Ministro do Exército Gen Ex Zenildo de Lucena, em 24 de março de 1994, instituindo o Dia 19 de abril, da 1ª Batalha dos Guararapes, como o Dia do Exército Brasileiro, para o que concorreu a 1ª edição de nosso livro para aquela decisão presidencial, conforme nos declarou o historiador Cel Manoel Soriano Neto, então Diretor do Centro de Documentação do Exército (CDocEx, extinto) que preparou a fundamentação histórica do citado decreto.

De 1680 a 1777, o hoje Rio Grande do Sul, em decorrência de diferenças entre Portugal e Espanha, em razão da fundação por Portugal da Colônia do Sacramento, em 1680, defronte à Buenos Aires, foi alvo de duas invasões espanholas, comandadas pelos governadores de Buenos Aires, os generais Pedro Ceballos em 1763 e o General Vertiz y Salcedo em 1773/1874.

Na impossibilidade de inicialmente socorrer o Rio Grande do Sul invadido, partiu do Rio de Janeiro a seguinte diretriz guerrilheira:

"A guerra contra o invasor será feita em pequenas patrulhas, localizadas em matas e nos passos dos arroios e rios. Destes locais sairão ao encontro do invasores para surpreendê-los,causar-lhes baixas, arruinar-lhes gados, cavalhadas e suprimentos, e ainda trazer-lhes em constante e continua inquietação".

E estas guerrilhas atuaram com grande eficácia, conforme abordamos, em estratégia denominada "Guerra à gaúcha", em nosso livro A Guerra da Restauração do Rio Grande. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1996, disponível no Google.

Por ocasião da Independência do Brasil, José Bonifácio, que fora guerrilheiro em Portugal, contra a invasão do território luso por Napoleão, ameaçou enfrentar o invasor, depois de nossa Independência, com a Guerra do Mato, uma doutrina guerrilheira desenvolvida no Brasil por um século na Guerra dos Palmares em Alagoas.

Ainda, em defesa da Integridade do Brasil, temos exemplos das vitoriosas ações guerrilheiras de Plácido de Castro, guerrilheiro federalista no Rio Grande do Sul, 1893-1895, colocando sua experiência em Guerra à Gaúcha para enfrentar o Exército da Bolívia e impedir que forças militares, a serviço de interesses da empresa Bolivian Syndicate dominassem no Acre as fontes de produção de borracha. Luta que abordamos em nosso citado livro Amazônia Brasileira. Conquista Consolidação Manutenção, História Militar Terrestre da Amazônia, disponível no Google.

De igual modo no Amapá, a Soberania e a Integridade do Brasil foram preservadas com a vitoriosa guerrilha relâmpago do general Francisco Xavier da Veiga Cabral – o Cabralzinho, contra uma canhoneira francesa que tentou prendê-lo. Fato que também abordamos no citado livro sobre a Amazônia Brasileira.

As revoluções de 1923 e 1924-1926 no Rio Grande do Sul conservaram as características da Guerra à gaucha, tendo como base o boi como alimento auto-transportável e o cavalo como meio de transporte, este tendo como alimento o pasto, abudante na região.

No Maranhão, na pacificação da Balaiada, Caxias confiou o comando das suas peças de manobra a oficiais capazes de enfrentar ações de guerrilha balaias, conforme abordo em nosso livro Caxias e a Unidade Nacional. Porto Alegre: AHIMTB/Gênesis, 2003, às p.223/229. Obra disponível no Google.

E no combate contra a Guerra à gaúcha, ou contra a guerrilha farroupilha, o Barão de Caxias utilizou, para combatê-las, dois especialistas no assunto, o General Bento Manuel Ribeiro, ao qual confiou o comando da Ala Direita de seu Exército, para enfrentar o consumado guerrilheiro General Davi Canabarro. E a sua Ala Esquerda, baseada na sede da vila de Canguçu, do Distrito da Capital farroupilha – Piratini, ao comando do grande guerrilheiro imperial Ten Cel da Guarda Nacional Francisco Pedro de Abreu – o Moringue.

Este assunto abordamos com detalhes em nossos livro O Exército Farrapo e os seus chefes. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1971, disponíveis no Google e no meu site www.ahimtb.org.br, criado em 1996 e administrado por meu filho Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, que me convenceu que a cada dia os leitores e pesquisadores mais jovens realizam pesquisas de trabalhos mais na Internet do que em livros e artigos de revistas.

As guerrilhas brasileiras contra o invasor quando o Brasil era Colônia de Portugal se baseavam no seguinte princípio, decorrente, no campo militar, ao ideal de Portugal de "Dilatar no mundo o Império Português e a Fé Católica", do qual decorreu este pensamento militar português, interpretado pelo grande historiador militar brasileiro General Francisco de Paula Cidade, cuja biografia sintetizamos em artigo: Paula Cidade - Um soldado e historiador a serviço do Exército, A Defesa Nacional nº 709, set/out 1983, p. 13/35, e que foi a minha oração de posse no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, na cadeira que leva o seu nome. Trabalho disponível no Google:

"Julgada a causa justa, pedir a proteção de Deus e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios".

Trabalho também editado pelo Estado-Maior do Exército em manual de nossa autoria intitulado Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro, edições de 1978 e 1999

e distribuídos às Escolas do Exército AMAN, EsAO e ECEME ainda no âmbito da então Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que fundamos em 1996 e presidimos.

Manual que traduz nossa experiência de 53 anos, por vocação, para o trato de assuntos militares, em especial da História das Forças Terrestres Brasileiras: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica e Polícias e Bombeiros Militares.

Livros e Manual disponíveis no site www.ahimtb.org.br e no Google. Ainda, em tempo, Manual no qual abordamos a Teoria de História das Forças Terrestres Brasileiras, em especial do Exército, Método de Pesquisa e Fundamentos de critica militar histórica à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar.

Enfim um "prato cheio" para companheiros profissionais que por vocação e prazer queiram se dedicar à História Militar Terrestre do Brasil e atuarem segundo a Diretriz do Estado-Maior do Exército para a finalidade das Atividades de História no Exército:

"CONTRIBUIR COM SUBSÍDIOS PARA A INSTRUÇÃO E ENSINO DOS QUADROS E DA TROPA DO NOSSO EXÉRCITO. CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO DA DOUTRINA MILITAR DAS FORÇAS TERRESTRES BRASILEIRAS. PRESERVAR, PESQUISAR E DIVULGAR O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO EXÉRCITO".

A este respeito, de pacificação de revoltas que ameaçaram a Integridade e Unidade do Brasil, não podem ser esquecidos os ensinamentos de seu Pacificador, o então General Fernando Setembrino de Carvalho que abordamos em nosso livro, produzido com apoio nas seguintes fontes históricas: O seu Relatório ao Ministro da Guerra e suas Memórias, hoje raras e que as adquiri em sebos.

Obra intitulada A REVOLTA DO CONTESTADO (1912-1917) NAS MEMÓRIAS E NOS ENSINAMENTOS MILITARES DE SEU PACIFICADOR. Resende: FAHIMTB/IHTRGS, 2013, e hoje disponível em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br. e no Google. Livro em que, de certa forma repete a pacificação da Guerra dos Cabanos em Pernambuco e Alagoas, (1834/1935), a utilização da estratégia de cerco para evitar alto índice de baixas mortais entre revoltosos e legalistas. Revolta dos Cabanos de Pernambuco e Alagoas que abordo em nosso livro BRASIL - LUTAS INTERNAS 1500-1916 EM DEFESA DE SUA SOBERANIA E INTEGRIDADE. Resende: FAHIMTB/IHTRGS, 2016, p.107-111 em breve disponibilizado no site www.ahimtb.org.br. e no Google. Revolta considerada a maior revolta rural nas Américas.

Livro sobre a Revolta do Contestado, obra rica em ensinamentos militares pelo General Setembrino, em sua Pacificação do Contestado. Chefe que passou a História como o Pacificador do século XX, por haver pacificado a revolta do Padre Cícero, no Ceará, o Contestado, e a Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul.

Neste livro ele indica a tropa ideal para operar inicialmente na pacificação de uma revolta rural, como a do Contestado, para dar início às operações. Ou um Destacamento Expedicionário assim constituído:

- Um Contingente de Vaqueanos de 90 civis, conhecedores do Teatro de Operações;
- Um Regimento de Infantaria com 3 batalhões;
- Uma Companhia de Metralhadoras;

- Um Esquadrão de Cavalaria;
- Uma Secção de Artilharia de Montanha;
- Uma Companhia de Engenharia.;
- Um Esquadrão de Trem (Logística);
- Uma Secção de Ambulâncias, para 200 feridos;
- Um depósito de Remonta com suplemento de 50 cavalos e 50 muares; e
- Comboio variável com o Terreno e com o afastamento da Base de Operações, onde haverá: Um Armazém de Campanha e um Hospital de Campanha com 100 leitos.

Esta foi a sua conclusão depois de receber enorme quantidade de forças. O General Setembrino acompanhava pela leitura o que ocorria na Europa. Mostrava apreciável conhecimento militar como autodidata.

No presente e futuro o Brasil deverá estar preparado para defender a sua Amazônia. E seguramente deverá contar com sua experiência guerrilheira, desenvolvida de longa data pelo seu centro em Manaus de Guerra na Selva - o CIGS, que já desfruta de elevado conceito internacional.

Sintetizando, minha análise militar crítica das contribuições da Guerrilha Fluvial de Pedro Teixeira, da Guerra Brasilíca, ou de Emboscadas, tática de Guerrilha liderada em especial por Antônio Dias Cardoso no Nordeste, Guerra à Gaúcha liderada por Rafael Pinto Banderia no Rio Grande do Sul, a Guerra à Gaúcha, adaptada por Plácido de Castro no Acre e a do General Cabralzinho no Amapá.

A Guerrilha Fluvial na Amazônia contribuiu para a preservação da Integridade, Soberania e Unidade Brasileira no Rio Amazonas. A Guerra Brasilíca ou de Emboscadas no Nordeste contribuiu para a preservação da Integridade, Unidade e Soberania do Brasil no Nordeste. A Guerra à Gaúcha, liderada por Rafael Pinto Bandeira no Rio Grande do Sul contribuiu para definir brasileiro o destino do Rio Grande do Sul.

A Guerra à gaúcha, apropriada por Plácido de Castro, para defender o Acre do domínio do Bolivian Sindycate, definiu o destino brasileiro do Acre e contribuiu para para a preservação da Integridade, Soberania e Unidade Brasileira sobre o Acre.

A Guerrilha do General Cabralzinho no Amapá contribuiu para definir como brasileiro o Estado do Amapá e para a preservação da Integridade, Soberania e Unidade Brasileira sobre o Amapá.

E assim creio haver comprovado o título do presente livro digital e através do Informativo O Tuiuti.

SSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSSS

ORDEM DO DIA DO DIA DA VITÓRIA – 8 DE MAIO

Há 78 anos, celebrava-se o fim daquele que, por seus efeitos; pelas perdas humanas; pela abrangência geográfica; e pelo emprego de tecnologias inovadoras de combate, seria considerado o maior conflito militar da humanidade.

A Segunda Guerra Mundial, deflagrada em 1939, estendeu-se por seis anos. Avalia- se que o número de mortos supere 70 milhões de pessoas. Além dessa inestimável consequência, o conflito ocasionou a ruína de várias cidades e a desolação de nações.

A rendição incondicional das forças do Eixo aos Aliados, em 8 de maio de 1945, levou ao término oficial do conflito na Europa. Anualmente, nações comemoram essa data como o "Dia da Vitória", marco representativo do esforço político e militar que pôs fim aos combates no continente europeu, e como memória ao sacrifício de soldados e civis pela paz e pela democracia.

À espera de uma solução diplomática, o Brasil mantinha-se neutro ao início do conflito. Porém, desafiado pelo afundamento de navios mercantes brasileiros por submarinos nazifascistas, a reação do Estado não poderia ser diferente: a declaração de guerra ao Eixo e a formação de uma força militar expedicionária.

A Marinha do Brasil teve atuação proficiente em toda a extensão do litoral do País. Participou em ações que garantiram a segurança da navegação ao tráfego marítimo de interesse; realizou escolta dos 575 comboios que foram parte do esforço logístico do Brasil na guerra; além de ter marcado a sua presença nas ações da "Batalha do Atlântico".

O Exército Brasileiro esteve à frente da gloriosa Força Expedicionária Brasileira (FEB), representada por um ícone em que uma cobra fumava, símbolo de tarefa considerada impossível. A FEB foi integrada por 25.000 combatentes que escreveram uma história de heroísmo com triunfos e vitórias como as de Massarosa, Camaiore, Monte Prano, Monte Castello, Montese, Castelnuovo, Collecchio e Fornovo Di Taro. A ação militar levou à rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, com elementos da Divisão Bersaglieri italiana e remanescentes da 90ª Divisão Panzergrenadier.

A Força Aérea Brasileira, a seu turno, além de conduzir patrulhamento aéreo em território nacional e respectivas águas jurisdicionais, cumpriu missões nos céus europeus com o seu destacado efetivo de pilotos do "Senta a Púa", marcando, indelevelmente, a astúcia, o destemor e a habilidade desses valorosos militares alados.

Naquele longínquo tempo, lutando distante de sua pátria, os marinheiros, soldados e aviadores brasileiros enfrentaram as agruras dos combates; os rigores do clima intenso; e a perícia de um inimigo audaz e experiente. Mostraram-se verdadeiros herdeiros dos valores e das tradições de Tamandaré, de Caxias e de Eduardo Gomes. Esse último, já brigadeiro, participou da construção de bases aéreas que tiveram emprego estratégico aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial.

O conflito trouxe custo inestimável ao Brasil. Entre as danosas consequências, tivemos 34 navios mercantes e de guerra afundados, que levaram a mais de 1.450 marinheiros mortos em operações no mar; a aviação registrou 22 aviões abatidos em combate; e cerca de 500 brasileiros perderam a vida durante as ações militares.

Hoje, no Cemitério Militar de Pistóia, na Itália, e no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, repousam os restos mortais de valorosos combatentes brasileiros. A coragem e o extremo sacrifício desses heróis jamais serão esquecidos.

Aqueles que regressaram aos seus queridos familiares puderam revelar seus feitos de bravura. Após 78 anos, muitos já partiram deste mundo, legando-nos exemplos de patriotismo e de coragem. Hoje, aos que ainda compartilham conosco de suas histórias, dirigimos o mais profundo sentimento de respeito e preito de gratidão.

Após o conflito, no curso de sua evolução natural, as Forças Armadas estão modernizadas, aperfeiçoaram suas doutrinas e mantêm vivas as tradições e glórias conquistadas a preço de suor e de sangue. Inspirados pelos feitos das gerações predecessoras, Marinha, Exército e Força Aérea empenham-se em variadas tarefas no Brasil e no exterior.

A paz e a integração harmoniosa com outros atores globais fazem do Brasil uma nação respeitada e reconhecida internacionalmente. A ajuda humanitária e as missões em benefício da integração, do desenvolvimento tecnológico e da infraestrutura nacional mantêm os militares fraternalmente ligados à população, que os respeita e admira.

No mar, em terra ou no ar, as Forças Armadas dedicam-se incondicionalmente ao cumprimento de suas missões, enfrentando os desafios da atualidade, sempre motivadas pelas glórias de milhares de brasileiros que um dia cruzaram o Atlântico para escrever uma história de honra e de orgulho.

O povo brasileiro dedica o dia de hoje à memória e aos feitos heroicos dos que lutaram e venceram, em 8 de maio de 1945, sobre os que defendiam ideais de totalitarismo e tirania. A democracia venceu.

Brasília-DF, 8 de maio de 2023

José Múcio Monteiro - Ministro de Estado da Defesa
Marcos Sampaio Olsen - Almirante de Esquadra, Comandante da Marinha
Tomás Miguel Miné Ribeiro Paiva - General de Exército, Comandante do Exército
Marcelo Kanitz Damasceno - Tenente-Brigadeiro do Ar, Comandante da Aeronáutica

WWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWWW

O TRISTE FIM DO GENERAL VICENTE BARRIOS

Prof. Dr. Vivaldo José Breternitz (*)

Vicente del Carmen Barrios y Bedoya nasceu em 5 de abril de 1825 em Assunção; era o décimo filho de uma família de muitas posses. Ainda jovem, em 1841 ingressou no Exército Paraguaio, tendo sido promovido a capitão em 1847 e a tenente coronel em 1850. Nesse posto, fez parte da comitiva de Francisco Solano López, que permaneceu na Europa entre 1852 e 1855, enviado por seu pai, Carlos Antonio Lopez, presidente do Paraguai entre 1841 e 1862.

Essa viagem tinha como objetivo principal adquirir navios e armas modernas, mas também recrutar cientistas, técnicos e colonos para o Paraguai.

Após retornar ao Paraguai, López foi nomeado por seu pai Ministro da Guerra e Marinha, e Barrios foi promovido a coronel. Em 1856, Barrios casou-se com a irmã de López, Inocencia, aproximando-se ainda mais deste, que sucedeu a seu pai como presidente.

Após a declaração de guerra ao Brasil, Barrios foi nomeado comandante de uma coluna de cinco mil homens que invadiu a província brasileira de Mato Grosso em meados de dezembro de 1864.

A Campanha do Mato Grosso não trouxe grandes vantagens estratégicas aos paraguaios, mas permitiu que se apropriassem de quantidades significativas de armas e munições, além de dezenas de milhares de cabeças de gado e outros bens saqueados. Nesse momento Barrios também aproveitou para aumentar sua fortuna pessoal, enviando muitos dos bens roubados a Assuncion.

Ao retornar de Mato Grosso, Barrios foi promovido a general de brigada e nomeado ministro da Guerra e Marinha; nesse cargo sucedeu a Venâncio López, irmão do Presidente. Barrios manteve-se no cargo, mesmo após voltar ao serviço ativo após a invasão do território paraguaio pelos exércitos aliados da Argentina, Brasil e Uruguai.

Em 24 de maio de 1866, Barrios comandou uma das quatro colunas de assalto paraguaias na primeira batalha de Tuiuti. Concebida por López como um ataque surpresa em grande escala, que pretendia esmagar o exército aliado e expulsá-lo do Paraguai, a batalha terminou com uma pesada derrota paraguaia.

A coordenação das colunas do exército paraguaio, que tiveram que marchar por terrenos difíceis, não teve sucesso - como resultado, elas não atacaram simultaneamente, tendo sido repelidas com pesadas perdas.

Esta foi a maior batalha acontecida na América do Sul, tendo envolvido cerca de 56 mil homens, dos quais 24 mil paraguaios, que tiveram seis mil mortos; enfrentaram 32 mil aliados, dos quais mil foram mortos.

Em 3 de novembro de 1867, López atacou novamente o exército aliado com uma força de cerca de nove mil homens; Barrios comandava as forças atacantes. Foi a Segunda Batalha de Tuiutí que terminou com outra retirada dos paraguaios, que tiveram quase três mil mortos; os 4.500 aliados perderam 300 soldados.

Apesar da derrota, López ficou satisfeito com o desempenho de seu exército, promovendo Barrios a general de divisão. No entanto, o relacionamento entre Lopez e Barrios começou a se deteriorar quando a esquadra brasileira, em fevereiro de 1868, forçou a passagem de Humaitá e chegou até Assunção, que foi bombardeada e tomada em janeiro do ano seguinte, obrigando boa parte de sua população a fugir para o interior do país.

Lopez passou a se preocupar, de maneira doentia, com conspirações (falsas ou não) que pretenderiam apeá-lo do poder Passou a ordenar prisões e execuções sumárias de centenas daqueles de quem suspeitava – um de seus irmãos, Benigno, cunhados, ministros, militares e muitas mulheres foram mortas no que ficou conhecido como "Matanza de San Fernando".

Lopez inclusive mandou açoitar sua mãe e irmã e mais tarde mandou matá-las; elas, porém, conseguiram salvar-se em função da confusão generalizada reinante nos últimos dias da guerra.

Em um primeiro momento, Barrios foi colocado em prisão domiciliar, e após tentar o suicídio, foi fuzilado em 21 de dezembro de 1868. Sua esposa, irmã de Lopez, também foi presa e acusada de traição, mas sobreviveu à guerra, apesar dos enormes sofrimentos por que passou enquanto presa.

No Paraguai correram rumores que Inocência, depois da guerra, teve um filho com um official brasileiro que se dizia ser o então general José Antônio Correia da Câmara (ao lado), que teve importante participação na guerra, e que comandava as tropas brasileiras durante o combate em que morreu Lopez.

Após a guerra, o General Câmara foi promovido a Marechal e recebeu o título de Visconde de Pelotas, tendo sido o primeiro governador do estado do Rio Grande do Sul após a Proclamação da República.

REFERÊNCIAS

AVEIRO, Silvestre. Memórias militares 1864-1870. Asución: Comuneros, 1989.
BASTOS, Augusto Antonio Roa et al. O livro da Guerra Grande. Record, 2002.
CERQUEIRA, Dionisio. Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865–1870. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
DORATIOTO, Francisco. Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
FRAGOSO, Augusto Tasso. História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.
TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. Recordações de guerra e de viagem. Brasília: Senado Federal, 2008.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas.

NNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNNN

O espírito de Guararapes

Celso Castro (FGV)

Desde o fim do regime militar, os militares perderam significativa força política no Brasil. Principalmente a partir de 1990, as relações entre Forças Armadas, sociedade e Estado no Brasil alteraram-se em favor do enquadramento militar à nascente democracia brasileira.

A atuação dos militares durante a crise que levou ao impeachment de Collor; no processo de criação do Ministério da Defesa, e face ao funcionamento da Comissão dos Desaparecidos constitui marcos dessa mudança. No entanto, um aspecto que tem escapado à atenção dos pesquisadores é o fato de que o conjunto de elementos simbólicos que tem caracterizado o Exército por muitas décadas sofreu importantes modificações após a saída dos militares do centro do poder político com a Nova República. Já vimos que duas comemorações outrora importantes — a da vitória sobre a Intentona e a lembrança da "Revolução" de 31 de março de 1964 — entraram em declínio, tendendo a desaparecer. Outra estava por nascer.

Em 1994, por iniciativa do ministro do Exército, general Zenildo, foi criado o Dia do Exército, na data de realização da 1ª Batalha dos Guararapes (19 de abril de 1648). A Batalha dos Guararapes foi um evento muito importante no processo de expulsão das tropas holandesas que ocuparam a região de Pernambuco entre 1630 e 1654. Mesmo inferiorizadas numericamente, as tropas locais, compostas por unidades de brancos, negros e índios, e recorrendo a táticas de guerra irregular (ou de guerrilhas), derrotaram um inimigo superior em número e mais bem equipado.

A idéia central da nova comemoração é que em Guararapes teriam nascido ao mesmo tempo a nacionalidade e o Exército brasileiros. A força simbólica do evento é reforçada pela presença conjunta das três raças vistas como constitutivas do povo brasileiro — o branco, o negro e o índio. Além disso, ao contrário das comemorações da Intentona e de 1964, não se trata aqui de um "inimigo interno" a ser enfrentado, mas de invasores estrangeiros. Na época da batalha, o Brasil ainda não era uma nação independente: esteve sob domínio espanhol entre 1580 e 1640, retornando em seguida à condição de colônia portuguesa. No entanto, a metrópole pouco se envolveu na luta, ficando a tarefa de expulsar os holandeses por conta quase que exclusivamente da "gente da terra", visão que alimentou por mais de dois séculos o imaginário do nativismo pernambucano. Não me detenho na questão. Ressalto aqui apenas que o imaginário operou, através do tempo, diferentes seleções e leituras dos elementos históricos, e que guardou em seu bojo algum grau de disputa entre diferentes versões, embora tenham existido também pontos consensuais, de referência e evocação obrigatórios. Houve, por exemplo, variação a respeito de quais seriam os principais heróis a serem lembrados, mas sempre esteve presente a idéia de que matrizes "raciais" formadoras da população colonial brasileira estiveram representadas nos diferentes grupos de combatentes.

Do mesmo modo, diferentes memórias do evento costumam deixar de lado os chefes militares que combateram a primeira parte da guerra, chamada "de resistência", perdida frente aos invasores, bem como aqueles que não eram nascidos nem moravam em Pernambuco antes da ocupação holandesa.

A realidade demográfica da mestiçagem também é freqüentemente esquecida, como se as três "raças" vivessem segregadas — não há, por exemplo, um herói mestiço, embora exista um "traidor" mestiço: Calabar.

A versão hoje oficialmente apresentada pelo Exército a respeito dos principais líderes celebra cinco "Patriarcas do Exército": o comandante-em-chefe do exército restaurador entre 1648 e 1654, Francisco Barreto de Menezes; o reinol João Fernandes Vieira; o "mazombo" (morador branco nascido no Brasil) André Vidal de Negreiros; o índio Antônio Felipe Camarão; e o negro Henrique Dias. Eles seriam "os mais remotos ancestrais dos homens e das mulheres que hoje envergam o uniforme verde-oliva, sendo dignos, portanto de figurar,

em galeria, ao lado dos insignes Patronos da Força". Além desses cinco patriarcas, aparece também com grande relevo a figura de Antônio Dias Cardoso. Na batalha, ele era subcomandante do "terço" de Fernandes Vieira, o maior e mais bem preparado de todos, ao qual foi confiada a principal frente de combate. Representado como o "mestre da emboscada" devido à utilização bem sucedida de táticas semelhantes às missões das atuais tropas de comandos, Antônio Dias Cardoso virou patrono do Batalhão de Forças Especiais do Exército, unidade sediada no Rio de Janeiro. A leitura que o Exército faz atualmente do episódio é, em grande medida, marcada pelas várias narrativas disponíveis sobre o evento, mas com ênfases e motivos específicos. O ponto principal dessa versão é que em Guararapes nascia o próprio Exército. O decreto presidencial de 24 de março de 1994 que instituiu o Dia do Exército afirma que "o Exército Brasileiro possui suas raízes fincadas na região dos Guararapes, fato consagrado pela historiografia militar do Brasil".

Na exposição de motivos que fora enviada ao presidente pelo ministro do Exército de então, o general Zenildo, a justificativa era de que: Tendo em vista que a gênese da nacionalidade brasileira brotava em Guararapes, quando, em 1645, as três raças formadoras de nossa gente firmaram um pacto de honra, assinando célebre proclamação, em que aparece, pela primeira vez, o vocábulo PÁTRIA, razão pela qual foi constituída, militarmente, uma tropa que passou a ser chamada de Exército Libertador ou Patriota, e que tal fato consagrou-se com a 1ª Batalha de Guararapes, travada em 19 de abril de 1648, constituindo importante fator para a formação do Exército Brasileiro; ... é de todo interesse para a Instituição que o dia 19 de abril seja transformado em data máxima para o Exército Brasileiro, em virtude dos feitos realizados em Guararapes, culminando com o nascimento do nosso glorioso Exército.

A página na internet criada pelo Exército em 1998, para as comemorações dos 350 anos da batalha apresenta Guararapes como "Berço da Nacionalidade e do Exército Brasileiro" e seus heróis como representantes das "três raças formadoras da essência do povo brasileiro".

E também: "Prodígio de criatividade, ousadia e bravura, a 1ª Batalha dos Guararapes é mais do que um memorável feito militar de nossos antepassados. Neste duelo, em que o Davi caboclo abateu o Golias estrangeiro, assentam-se as raízes da Nacionalidade e do Exército brasileiros, que caminham juntos há 350 anos."

Quatro idéias centrais aqui se destacam.

Primeiro, a de um vínculo indissolúvel entre o Exército e a nacionalidade brasileira. Os combatentes "plantaram as sementes de duas instituições permanentes e indissolúveis: a nação e o Exército Brasileiro". O texto fala em "sementes" porque, de fato, em 1648 não havia ainda uma "nação brasileira" nem um "Exército brasileiro" — que só passariam a existir com a Independência, ocorrida 174 anos depois. Além disso, de Guararapes não resultou a constituição de nenhuma unidade militar que tivesse, do ponto de vista institucional, continuidade histórica com qualquer unidade do atual Exército Brasileiro. Esses fatos são deixados de lado no mito criado pelo Exército em torno do evento, cuja força provém da continuidade de um "espírito de Guararapes", marcando o entrelaçamento simbólico de duas "instituições permanentes e indissolúveis": o Exército e a nação.

Outra idéia central é a de que o Exército é composto pelas "três raças formadoras da essência do povo brasileiro." A foto do cartaz oficial comemorativo dos 350 anos da batalha traz a imagem de três soldados do Exército atual, representando as três raças, pairando sobre o tradicional quadro de Victor Meirelles retratando a batalha.

Em terceiro lugar, diferentemente das comemorações da Intentona e de 1964, Guararapes é uma luta contra estrangeiros. Nas comemorações de 1935 e de 1964 sempre se fez referência a "ideologias exóticas", mas o apelo da luta em condição de inferioridade contra um poderoso invasor estrangeiro é, hoje, muito mais mobilizador e "politicamente correto".

Finalmente, vale a pena assinalar que a vitória foi obtida contra um inimigo considerado militarmente mais poderoso. O Davi caboclo abate o Golias estrangeiro após uma longa guerra de "resistência", baseada principalmente em táticas de "guerrilha". Será fácil associar essa representação com a da luta contra a "cobiça internacional" sobre a Amazônia e a recente "doutrina da resistência" desenvolvida pelo Exército.

O estudo oficial que serviu de base para a criação do Dia do Exército Brasileiro, feito pelo Centro de Documentação do Exército em 1994, já destacava o fato de que a vitória contra "um inimigo muito superior" teria sido alcançada "combinando táticas de guerrilha e emboscada". Com isso, além de "modeladores da nacionalidade", os bravos de Guararapes teriam sido também inovadores na arte militar, dando nascimento à doutrina militar brasileira. O mesmo estudo destacava a oportunidade de se estabelecer essa nova data cívica, "máxime na atualidade (1994), quando, infelizmente, fatos e valores de nossas mais caras tradições cívicas são vilipendiados e propositadamente deturpados por maus brasileiros". O documento menciona também, como argumentos desfavoráveis, "a possibilidade de certo esvaziamento" do Dia de Caxias e a coincidência com o Dia do Índio e com o aniversário de Getúlio Vargas, "o que poderia servir para explorações políticas e maliciosas dos eventos programados pelo Exército". Esses elementos, no entanto, poderiam ser neutralizados por uma campanha através dos meios de comunicação de massa e de instruções às unidades militares no sentido de que "não se empane o brilhantismo das comemorações do aniversário do duque de Caxias e respectiva semana". A respeito da criação do Dia do Exército, entrevistei seu principal "empresário", o general Zenildo. A iniciativa, segundo ele, foi bem aceita no Exército.

Pernambucano de nascimento, Zenildo lembra-se de um professor de colégio que costumava levá-lo a sítios históricos do estado, incluindo o de Guararapes. Faz questão de enfatizar que apenas consolidou um sentimento já existente, pois "todos acreditavam que ali nascera a nossa instituição, ali estão as raízes do Exército brasileiro".

Lembra que, ao retornar da Itália em 1945, o marechal Mascarenhas de Moraes, comandante da Força Expedicionária Brasileira, fez questão de visitar o sítio de Guararapes. Na região existe desde 1950 o Regimento Guararapes, uma das primeiras unidades militares brasileiras a receber designação histórica, e em 1971 foi criado o Parque Histórico Nacional dos Guararapes, atualmente sob administração do Exército. O general Zenildo acha natural que as comemorações da Intentona e de 1964 estejam perdendo força. Lembra que nos seus tempos de tenente no Regimento Andrade Neves ainda se comemoravam as batalhas da Guerra do Paraguai: "Não se pode comemorar Tuiuti mais de 100 anos depois. As coisas têm que progredir". Mas, pergunto eu, não se passou a comemorar agora Guararapes, que ocorreu 218 anos antes de Tuiuti? "Guararapes é o nascimento do Exército", responde o general. Além disso, tem uma simbologia especial como a desse problema das três raças — e há uma sintonia com o Exército.

Se olharmos uma formatura da Academia Militar, vê-se como ela é multicor, não há preconceitos. Isso é importante para demonstrar o sentido popular, democrático, do Exército. Então, recuperamos essas imagens de Felipe Camarão, de Matias de Albuquerque, do Vidal de Negreiros, dos chefes militares da Restauração Pernambucana. ...

Guararapes foi a união das três raças, a primeira reação do povo brasileiro, a primeira ação do Exército como uma instituição, representa nossas raízes. Até surgir a comemoração de Guararapes com o Dia do Exército, a principal comemoração do Exército havia sido a de Caxias com o Dia do Soldado. Agora, abrem-se três possibilidades: a de que, com o tempo, o Dia do Soldado deixe de ser a principal comemoração do Exército e seja ofuscada pelo Dia do Exército (risco apontado, como vimos, pelo estudo do Exército que subsidiou a criação da data); outra, que o Dia do Exército não "pegue" e seja aos poucos abandonado; ou, ainda, que as duas comemorações continuem lado a lado, com a mesma importância. Acredito, baseado em alguns indícios, que a comemoração de Guararapes deverá terminar prevalecendo sobre a de Caxias como festa maior do Exército.

Com a criação do Dia do Exército, a principal condecoração da instituição, a Ordem ao Mérito, passou a ser entregue nessa data. Antes, ela era entregue no Dia do Soldado. Em compensação, a Medalha do Pacificador, que era entregue no Dia da Bandeira, passou a ser entregue no Dia do Soldado — o que é mais apropriado, pois a medalha se refere justamente a Caxias. A Semana do Exército, que correspondia à semana em que caía o nascimento de Caxias, foi também deslocada para a semana da comemoração da Batalha dos Guararapes. Além disso, a criação do Dia do Exército levou à adoção de uma nova cronologia para a instituição. A ordem do dia do general Gleuber Vieira, feita em 19 de abril de 2000 diz que, naquela data, o Exército Brasileiro completava 352 anos! (A esse respeito, alguns oficiais me disseram que uma das motivações do general Zenildo para a criação do Dia do Exército ligado a Guararapes talvez tenha sido tentar tornar a instituição oficialmente mais antiga do que a Marinha, algo importante em face da criação do Ministério da Defesa, que se avizinhava).

A consolidação e o fortalecimento da comemoração de Guararapes também devem ocorrer devido à facilidade com que ela se liga às representações militares sobre a Amazônia. Essa região tem assumido crescente importância estratégica para os militares brasileiros, em particular para o Exército, nas últimas décadas. Em função disso, aumentou o efetivo militar na Amazônia e foram implantados grandes projetos, como Sistema de Vigilância Aérea da Amazônia (Sivam) e o Calha Norte, de "vivificação" da fronteira amazônica através, entre outros aspectos, do aumento da presença militar.

Como pano de fundo de longa duração histórica, temos a percepção militar da existência de ameaças à soberania nacional decorrentes de uma "cobiça internacional" de países mais ricos e poderosos sobre a Amazônia que poderia levar, no limite, ao risco de sua internacionalização. Uma placa localizada na entrada do Comando Militar da Amazônia, em Manaus, torna explícita a ligação que tem sido construída entre Guararapes e a Amazônia (imagem 15). A continuidade com o passado é afirmada através das frases "Fizemos ontem... faremos sempre" e "Guararapes... e surgiu o Exército". A campanha de expulsão dos holandeses é assim caracterizada: "Uma eficiente campanha de emboscadas foi o expediente usado pelo povo em armas para derrotar o poderoso invasor." Escolhida para compor uma placa que alude à Amazônia, a referência à "campanha de emboscadas" de Guararapes remete implicitamente à "doutrina da resistência" que tem sido desenvolvida nos últimos anos pelo Exército.

Essa doutrina militar, vista como autenticamente brasileira, consiste, basicamente, na utilização de estratégias e táticas de guerra irregular, de guerrilha, como as emboscadas de Guararapes, contra um eventual inimigo de maior poderio bélico — "o poderoso invasor".

Essa ameaça realça a força de Guararapes como "exemplo e tradição que serão mantidos na defesa da Amazônia".

Em destaque no cartaz, o grito de guerra:

"Tudo pela Amazônia!

Fonte: CASTRO, Celso. A invenção do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2002.

8888888888888888888888888888888888888888888888888888888888888888888888888888

O CABO CHIMANGO

Ao lado, o Cabo Fredolino Chimango, gaúcho de Passo Fundo. Morreu em combate no dia 14 de abril de 1945, há 78 anos, em Montese, por uma rajada de metralhadora.

Seu corpo está desaparecido. Seu amigo, conterrâneo de Passo Fundo/RS e veterano da FEB, Miguel Pereira, achava que seus restos mortais eram do corpo achado em Montese depois do traslado dos restos mortais dos soldados brasileiros de Pistóia para o Rio de Janeiro.

Hoje está repousando um corpo de um Soldado Desconhecido na Itália à sombra do Pavilhão Nacional Brasileiro na Praça Brasil em Pistóia, mas foi feito um exame de DNA e foi verificado que não era o Cb Chimango.

O Cb Chimango, póstumamente, recebeu as medalhas Cruz de Combate de 1ª Classe, Medalha Sangue do Brasil e Medalha de Campanha da FEB. Segue desaparecido, mas jamais será esquecido! BR

Projeto Museu da Vitória - Brig Nero Moura

&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&

Luiz Ernani Caminha Giorgis Cel Inf EM Veterano - Presidente da AHIMTB/RS

lecaminha@gmail.com

Sites sobre História Militar: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com